



## **ITINERÁRIOS ALTERNATIVOS NO AGRESTE PERNAMBUCANO, OUTROS CAMINHOS DE UMA REGIÃO**

**Rutt Keles Alexandre da Silva  
Josué Vicente Gregio  
Jadson Freire da Silva  
Gilberto Gonçalves Rodrigues**

### **Resumo**

O turismo pressupõe uma experiência voltada ao prazer, lazer e descanso, estando comumente associado a uma ação meramente contemplativa. Algo diferente do que propõem vertentes turísticas que se aliam à atratividades do meio rural, aprofundamento do conhecimento sobre especificidades da cultura popular, preservação do patrimônio, aproximação com o meio natural e sua estruturação geológica, entendimento dos potenciais influenciadores da gastronomia, etc. Nesta perspectiva em Pernambuco apresenta-se a Região de Desenvolvimento (RD) do Agreste Central e suas vocações naturais e culturais para experiências de turismo alternativo que contemplam situações de conscientização e aprendizado mesmo em cenários bucólicos. Assim, o trabalho pretende trazer à tona argumentos favoráveis ao estabelecimento de rotas alternativas de turismo no estado, contribuindo para atribuição de um olhar diferenciado sobre paisagens naturais e culturais que anseiam por estratégias inteligentes para alcançar patamares elevados em termos de desenvolvimento. Através de levantamento bibliográfico e pesquisa direta a investigação levou a acreditar que a diversidade de atrativos que abrigam os municípios componentes do Agreste Central, são compatíveis em termos de recursos para o estabelecimento de rotas turísticas, no entanto, os equipamentos e investimentos dos quais dispõem certas localidades fazem com que seus panoramas apontem para direções diferentes, mantendo certas localidades numa posição desfavorável em comparação a pontos turísticos convencionais do estado, mesmo no interior.

**Palavras Chave:** Agreste Central. Turismo Alternativo. Desenvolvimento Regional.

### **INTRODUÇÃO**

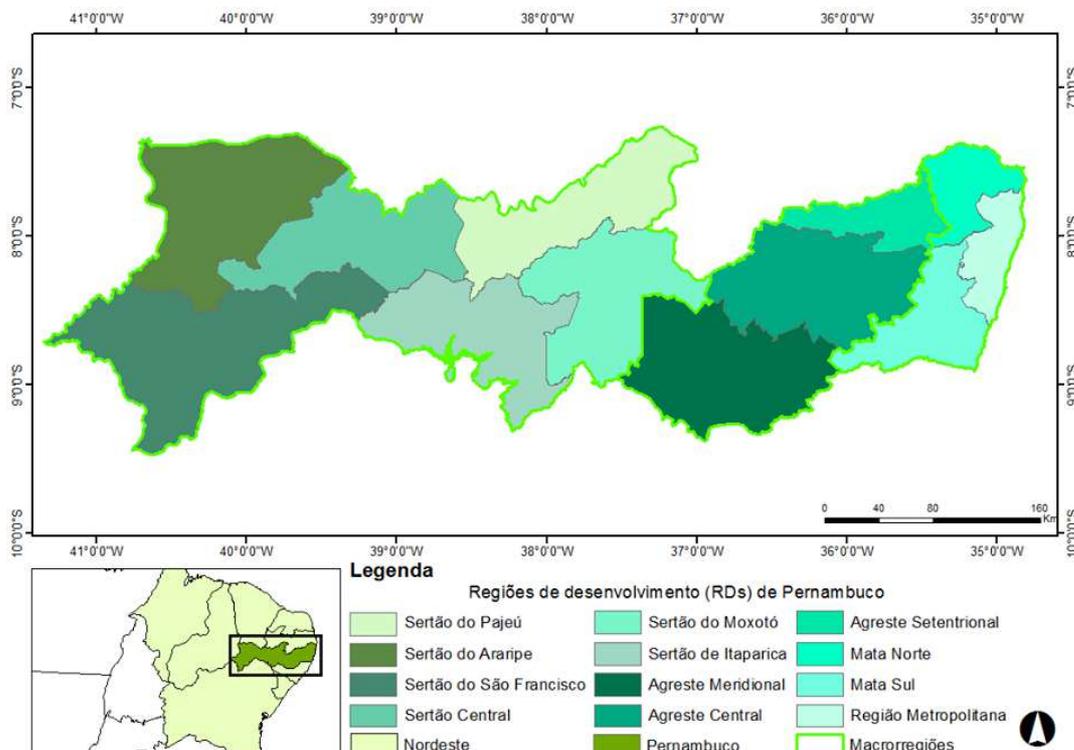
Vislumbrar Pernambuco além dos cartões postais comuns, das receptivas praias ensolaradas, pontes e rios marcantes, monumentos mais fotografados e museus mais visitados, afora o frenesi do frevo e dos batuques carnavalescos, do forró, dos doces de origem portuguesa, do caldo de cana tradicional, um estado além dos clichês que têm uma razão de ser. Reconhecer um território pelo que a mídia ainda não explorou em demasia, suas paisagens interioranas onduladas, as amenidades climáticas de seus brejos de altitude, suas festas tradicionais distanciadas dos holofotes dos megaeventos, águas termais, festivais de inverno, feiras temáticas, cultivos de flores, cafezais, cachoeiras, em meio a uma série de outros atrativos não associados imediatamente ao imaginário geográfico de determinada região.



Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo trazer à tona argumentos em favor do estabelecimento de rotas alternativas de turismo no estado de Pernambuco em prol de contribuir para com a atribuição de um olhar diferenciado sobre as paisagens e potencialidades estaduais, especialmente às do interior. Considerando a infinidade de itinerários possíveis a uma investigação desta natureza, os esforços serão concentrados num território de menor abrangência, para tanto a Região de Desenvolvimento (RD) do Agreste Central pernambucano foi selecionada como recorte geográfico. As razões que levaram a contemplar tal região nesta análise recaem sobre a diversidade de atrativos que abrigam seus municípios componentes, além da acessibilidade que o trecho apresenta para percurso via terrestre. A investigação pautou-se em pesquisa direta no levantamento de informações em campo, bem como consulta em material bibliográfico, sobretudo em trabalhos acadêmicos regionais e leituras úteis ao entendimento de conceitos turísticos, de modo que este trabalho possui uma fundamentação teórica interdisciplinar. Pernambuco possui outras onze Regiões de Desenvolvimento (RDs), as quais podem ser identificadas no mapa adiante.



Figura 1: Mapa de Localização das Regiões de Desenvolvimento (RDs) do Estado de Pernambuco



Fonte: Autores.

De acordo com MACIEL (2006), tais subdivisões estaduais foram reconhecidas pelo planejamento estadual, a contar de 1999 e através dos tempos têm sinalizado uma tendência de interiorização do desenvolvimento, bem como a redução de disparidades regionais. Para a autora, houveram impactos positivos proporcionados pela duplicação da BR-232, colocando territórios em posições de articulação mais favoráveis e com arranjos produtivos melhor ordenados, estas áreas incluem localidades do Agreste Central, as quais apresentam condições de ampliar e diversificar produções em escalas que variam do local ao internacional adotando novos perfis de desenvolvimento. Neste ambiente, como parte de Projetos Âncoras implementados pelo governo destacam-se tanto a duplicação da BR, quanto o centro tecnológico de confecções e o chamado circuito do “Circuito do Frio”, sobre o qual o estudo se aprofundará adiante.



Lançar um olhar diferenciado a respeito da atividade turística na RD do Agreste Central pode motivar inclusive o estabelecimento de consciências mais esclarecidas sobre os caminhos para o desenvolvimento de certos territórios. A este respeito, serão evidenciados destinos turísticos agrestinos e suas diferentes vocações, notabilizando identidades culturais e geográficas passíveis de serem apreendidas em sua diversidade.

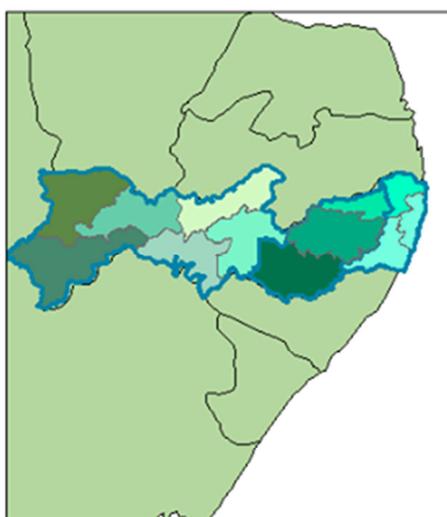
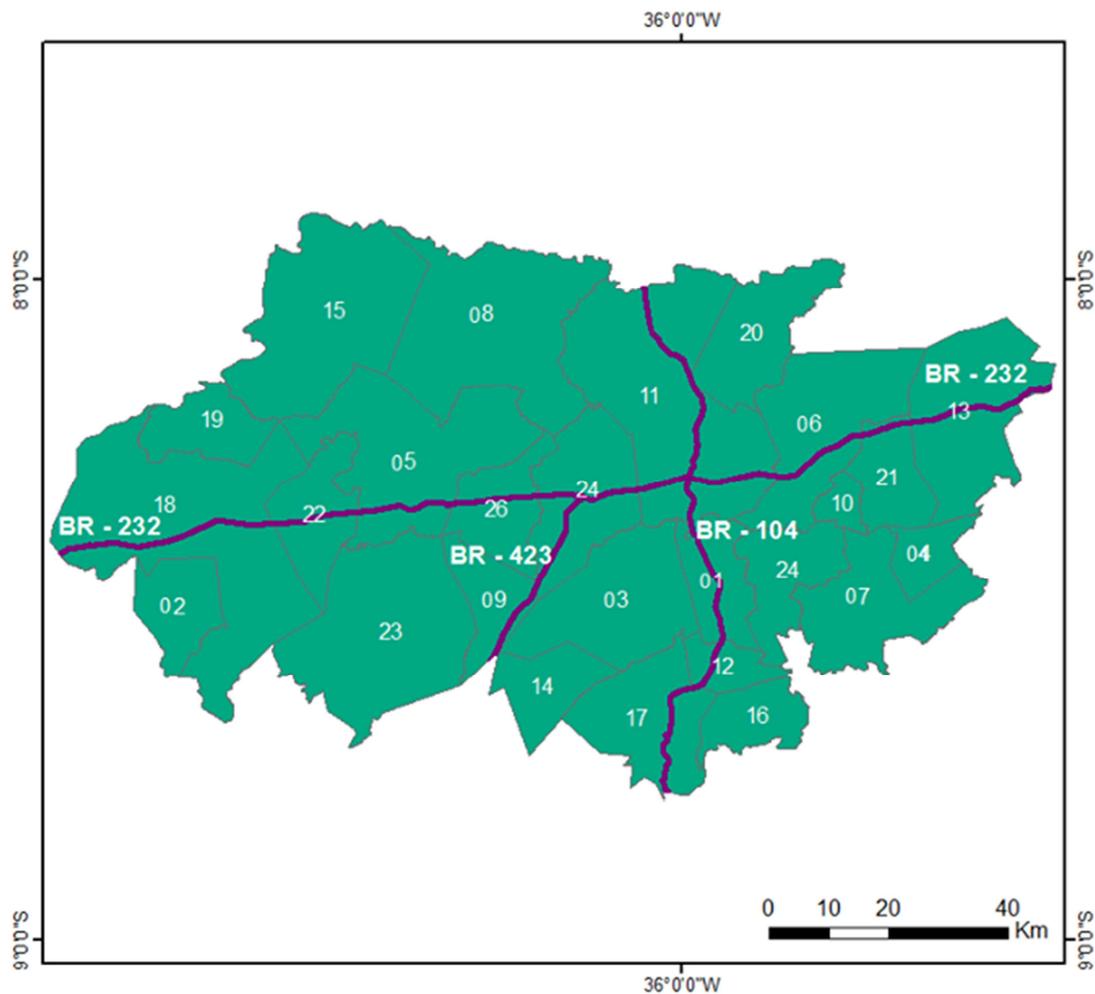
Ressalta-se que o artigo não intenciona a rotulação tampouco a cristalização de ideias a respeito do que é mais adequado em termos de lazer em cada localidade, o intuito além de difundir informações sobre o recorte estudado, é evidenciar a multiplicidade de suas vocações turísticas, contemplando as especificidades geográficas de uma região que carece de investimentos e alternativas sustentáveis em favor de suas comunidades.

## **DAS FLORES ÀS SERRAS, RECONHECENDO ITINERÁRIOS NO AGRESTE CENTRAL**

O Agreste Central é composto por vinte e seis municípios, os quais encontram-se referenciados no mapa (2) a seguir, nota-se que a rodovia federal (BR 232) atravessa a RD, configurando importante rota de acesso a municípios importantes como Caruaru, Gravatá, Bezerros e Pesqueira. Considera-se que cada destas localidades, à sua maneira resguarda itinerários alternativos ao turismo, nos mais amplos enfoques. Seja de cunho cultural, rural, geológico, arqueológico e/ou gastronômico. Ou seja, suas potencialidades perpassam o meio natural e cultural.



Figura 2. Mapa de Localização dos Município do Agreste Central, com Destaque para Rodovias Federais.



**Legenda**

Municípios da RD do Agreste Central

01 Agrestina	15 Jataúba
02 Alagoinha	16 Lagoa dos Gatos
03 Altinho	17 Panelas
04 Barra da Guabiraba	18 Pesqueira
05 Belo Jardim	19 Poção
06 Bezerros	20 Riacho das Almas
07 Bonito	21 Sairé
08 Brejo da Madre de Deus	22 Sanharó
09 Cachoeirinha	23 São Bento do Una
10 Camocim de São Felix	24 São Caetano
11 Caruaru	25 São Joaquim do Monte
12 Cupira	26 Tacaimbó
13 Gravatá	Perambuco
14 Ibirajuba	Nordeste



Fonte: Autores.



Na perspectiva do turismo e suas especificidades temáticas encontradas na região em tela destacar-se-á, o turismo rural. Sua conceituação fundamenta-se em aspectos territoriais, econômicos, naturais, culturais e sociais, portanto é um “conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (BRASIL, 2003, p.11). Tal conceito que transparece a congruência de valorização sobre as peculiaridades no Turismo Rural, pressupõe ainda que estes ambientes rurais além de serem capazes de ofertar basicamente serviços como hospedagem, transporte e alimentação, antes de tudo sejam territórios notadamente focados em práticas agrícolas, que reflitam seu vínculo com as coisas da terra, mais que isto, que sejam atividades que elucidem o entendimento sobre um ambiente focado em algo além do que a produção primária alimentícia e aliado a isto, atente ao resgate e promoção do patrimônio natural e cultural em toda sua autenticidade (BRASIL, 2008).

Esta é a premissa que aguarda visitantes em municípios como Bonito, Sairé, Bezerros, Brejo da Madre de Deus, São Joaquim do Monte e Garanhuns. Este último é um dos municípios fundamentais da chamada “bacia leiteira” de Pernambuco, detém características de cidade anfitriã, mais que isto Garanhuns é cidade-polo, exercendo a função de capital regional importante comercialmente e com potencial industrial interessante ao turismo e lazer, em função de suas condições climáticas (ALBUQUERQUE, 2002). Portanto é cidade reputada positivamente em termos de desenvolvimento. Em sua história rural protagonizou atividades importantes para a economia do estado, desde o cultivo de algodão, perpassando a cafeicultura e firmando-se na pecuária leiteira. Em meio a um Agreste semiárido é promotor de Festivais de Inverno (desde 1991), inserindo-se definitivamente no “Circuito do Frio” de Pernambuco, o qual, estabeleceu rota pautando-se em regiões serranas do interior, como Pesqueira e Gravatá.

Ainda sobre Garanhuns e seus atrativos, destacam-se a Barragem do Rio Inhumas, a “Grotta do Timbó” que propicia a bica d’água de mesmo nome, ambientada em meio ao plantio de bananas. Além de atratividades que se conectam a outras vertentes turísticas como a Antiga Estação Ferroviária e o prédio histórico datado do século XIX, onde situa-se seu Centro Cultural, o emblemático relógio de flores da



cidade idealizado na década de setenta e por fim, nesta descrição o Parque Ruber Van Der Linden e o “Parque dos Eucaliptos” portador de equipamentos desportivos (ALBUQUERQUE, op. cit.).

Adiante no trecho escolhido apresentam-se as potencialidades de Gravatá, e suas vocações naturais, entre elas: cachoeiras, trilhas por entre a Mata Atlântica, afloramentos rochosos que convidam à escalada, ponte ferroviária datada do século XIX e sobretudo isto, o cultivo de flores de clima temperado, também encontrado em Camocim de São Felix, Bonito e Garanhuns. Devido às amenidades climáticas diferenciadas de Gravatá, o plantio de flores despontou como investimento para camponeses da região, deixando-a em destaque atualmente como a maior produtora de flores do estado, como adverte Silva (2015). A autora ressalta que juntamente com o “Pernambuco Agroecológico” uma das questões suscitadas é o turismo rural, que pode ser aliado ao complemento de receitas, embora que Gravatá ainda careça de investimento infraestrutural para que esta vertente turística lá se concretize.

Mais do que a identificação e reconhecimento por parte do Poder Público destas potencialidades descritas, se faz necessário estabelecer um olhar diferenciado sobre a prática turística alternativa, bem como perspectivas sustentáveis que se aliem aos vários vieses do desenvolvimento, por meio de políticas públicas e investimentos de modo contínuo. Vale lembrar que,

o turismo por si só não é suficiente para promover o desenvolvimento rural, e tão pouco pode ser entendido como a resolução de todos os problemas que as áreas rurais enfrentam. Podendo apenas ser visto, em alguns casos, como uma forma de atenuar os estrangulamentos passíveis de ser encontrados nestes espaços (MARTINS, 2012, p. 3.).

De modo que haja uma verdadeira integração entre vários setores e as estratégias de sobrevivência do lugar sejam enaltecidas, reconhecidas e recompensadas.

No Agreste Central, um dos municípios mais aptos à execução de turismo voltado ao meio natural é a cidade de Bonito, sendo que suas práticas turísticas perfazem também predileções de aventureiros, possibilitado pelas práticas de *rapel*, *trekking*, arborismo, tirolesa, escalada, mergulho e até mesmo passeios a cavalo nos arredores de suas cachoeiras e cursos d’água, em meio a afloramentos rochosos e



mirantes com vista esplêndida. Aproveitando estas vocações, a cidade dispõe de melhores equipamentos e estruturas organizadas para a realização de tais atividades.

Neste sentido, ressaltando a especificidade de vertentes turísticas como o geoturismo, caracterizado pela preocupação com a geodiversidade, num sentido que ultrapassa a contemplação estética de modo a preservar o patrimônio geológico e geomorfológico, divulgando-o e valorizando-o, Santos (2012) elucida que em Bonito a utilização dos monumentos geológicos como suporte às práticas turísticas é comum. Suas cachoeiras conformam quedas d'água singulares em Pernambuco, marcantes pela beleza, mas vale ressaltar que alguns de seus visitantes ao acessar tais cenários bucólicos não tomam conhecimento dos aspectos que proporcionam suas feições geológicas e geomorfológicas, de modo que podem não atentar sobre a importância da conservação destes que são verdadeiros patrimônios naturais.

Contudo, Bonito figura como área estratégica para este seguimento por agregar outros componentes culturais e históricos, os quais reunidos à riqueza da geodiversidade colaboram por aproximar a identificação dos habitantes locais com o meio físico natural. Podendo assim ser mecanismo eficaz aliado ao desenvolvimento local na medida em que seus elementos sejam desfrutados em consonância com a geoconservação, uso sustentável de seus potenciais geossítios, colaborando para com a inserção de seus habitantes nos processos condizentes ao geoturismo (SANTOS, op. cit.).

Noutro trecho, conciliando aspectos favoráveis ao desenvolvimento do turismo de base cultural, no território concernente ao Agreste Central apresentam-se os municípios de Belo Jardim, Caruaru, Bezerros, Pesqueira, Poção, Sanharó e Tacaimbó, inseridos parcial ou totalmente na Bacia do Rio Capibaribe, sendo localidades que se destacam pela produção artesanal, entre elas, a arte figurativa em barro, artesanato em cipó, cachaça artesanal, renda renascença e bordado manual, cada uma a sua maneira contribuindo para geração de identidade cultural e geográfica em seus territórios. A fama atribuída a tais localidades vem se constituindo ao longo de gerações, pela promoção e participação ativa de tais municípios em feiras de artesanato já consolidadas, como a Feira Regional de Negócios de Pesqueira ou até mesmo a FENEARTE - Feira Nacional de Negócios do Artesanato, nada menos que a



maior da América Latina, reunindo produtos de diversas partes do mundo, promovida na capital pernambucana.

Ademais, existem nestas localidades, comunidades de renome no que diz respeito à produção artesanal como o Auto do Moura, em Caruaru, sua história vinculada à arte popular teve início ainda nos anos 40 com o ilustre Mestre Vitalino, artesão conhecido internacionalmente por suas representações em barro de cenários, folclore e emblemas nordestinos. Sua habilidade ajudou a reputar: “O maior centro de Arte Figurativa das Américas”, conforme anuncia o portal de entrada da comunidade. Esta possui uma paisagem marcada pelo artesanato, abrigando ainda museus e atraindo turistas durante todo ano, de modo especial durante as festividades do São João. Caruaru abriga ainda outros pontos turísticos tradicionalmente frequentados como a chamada “Feira da Sulanca” (Feira de Caruaru), onde tem “de tudo o que há no mundo”, conforme cantou Luiz Gonzaga.

Sobre o que se chama de turismo cultural Pérez (2009), vem elucidar:

Face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de sol e praia, mas, num sentido genérico, o turismo pode ser entendido como um acto e uma prática cultural, pelo que falar em “turismo cultural” é uma reiteração. Não pode existir turismo sem cultura, daí que possamos falar em cultura turística, pois o turismo é uma expressão cultural. Em termos filosóficos toda a prática turística é cultural. Além de mais, o turismo pode ser pensado como uma das actividades que mais tem fomentado o contacto intercultural entre pessoas, povos e grupos (PÉREZ, 2009, p. 108).

Assim, de modo semelhante se coloca neste cenário o município Brejo da Madre de Deus, com o foco voltado em aspectos ligados à religiosidade. No distrito de Fazenda Nova existe a Nova Jerusalém uma cidade-teatro, onde acontece durante a Semana Santa o espetáculo: A Paixão de Cristo, desde 1968. O espetáculo usufrui de um orçamento expressivo e todos anos tem seus personagens principais protagonizados por atores consagrados. Nos arredores da cidade-teatro encontra-se o Parque das Esculturas (gigantes e em granito) Nilo Coelho, onde são retratadas paisagens culturais, emblemas nordestinos (músicos, agricultores, artesãos, pastoril, rezadeira) em aproximadamente 1km de extensão. A cidade ainda possui uma estrutura de hospedagem nos limites do teatro, fora dos períodos celebrativos.



Mais que isto, o município de Brejo construído em meio a um vale composto pelas Serras do Ponto, Estrago e Prata, com cenário singular e construções seculares em meio ao seminário, emprestou sua beleza cênica ao cinema nacional. Suas potencialidades ultrapassam os espetáculos, pois suas matas nativas e relevo abrupto tornam-no conveniente a trilhas e roteiros ecológicos com destino às suas serras circunvizinhas, o afloramento Pedra do Cachorro, Mata do Bituri e de modo especial o Sítio Arqueológico do Estrago.

O Sítio Arqueológico Furna do Estrago, possui 125m<sup>2</sup> de espaço coberto, local habitado há cerca de onze mil anos, ou seja, desde o início do holoceno, por comunidades de caçadores e coletores. Há aproximadamente mil anos passados, o abrigo teve a função de cemitério, adaptado assim por índios pré-cabralianos. São verdadeiras raridades neste que é um dos sítios mais importantes do Brasil. Os esqueletos lá encontrados são da espécie *Homo Sapiens sapiens*, mas não apenas, esqueletos de colunas curvas configuram um achado importante (SILVA; MELO, 2011).

Próximo dali, em São Joaquim do Monte, há instalações rurais de pouso que proporcionam a visão panorâmica da microrregião, a proposta segue a lógica da gastronomia orgânica e alimentos característicos do Nordeste como o queijo coalho e a manteiga de garrafa. O atrativo gastronômico é uma constante em territórios detentores de uma culinária marcante como às desta região, sobre a qual serão elucidadas algumas questões a seguir.

## **A GASTRONOMIA É UM DESTINO A PARTE**

A história de Pernambuco está profundamente atrelada à economia do açúcar, isto influenciou diretamente sua gastronomia, alguns remanescentes Engenheiros Seculares especialmente na Zona da Mata pernambucana foram redirecionados para o turismo. No que diz respeito às especificidades culinárias destacam-se os doces e a cachaça. Porém isto e todo o restante são o reflexo de uma cultura híbrida, haja visto os povos atuantes no processo de formação territorial brasileira, portanto estas exemplificações estão longe de esgotar as influências que caracterizam a culinária pernambucana.



Somadas às contribuições culturais de povos nativos e estrangeiros, ao longo dos tempos as práticas de vivência do lugar, originaram sabores tipicamente agrestinos, como o caso queijo coalho,

produto artesanal produzido em Pernambuco com início provável na época da colonização. Isso é relatado através das pesquisas [...] documentos oficiais encontrados nos cartórios das cidades mais distantes da capital e de acordo com memórias vivas, de pessoas simples que desde a infância acompanhavam a produção desse produto, que, para os pernambucanos e nordestinos, representa a própria identidade. (PAQUEREAU; MACHADO; CARVALHO, 2016, p. 78)

Atuando direta e indiretamente para a persistência desta identidade, apresentam-se com peso os municípios do Agreste Central. A contar de 2010, de acordo com Paquereau et al. (op. cit.) esforços foram lançados no sentido de concluir e encaminhar de um “dossiê de solicitação do reconhecimento de Indicação Geográfica para o queijo de coalho do Agreste de Pernambuco pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi)” (p. 82), para tanto, um Workshop específico visando delimitação da área geográfica desta produção ocorreu, definindo através de critérios específicos, entre eles a tradição de fabricação do queijo, que 27 municípios seriam os justificáveis detentores desta indicação geográfica, entre eles Garanhuns, Belo Jardim, Cachoeirinha, Ibirajuba, Pesqueira, Poção, Sanharó, São Caetano e Tacaimbó.

Este tipo de indicação implica consideravelmente sobre a economia de uma região e é um legítimo atrativo turístico. No entanto, nem todas as localidades citadas pautam-se nesta especialidade para estimular a atividade turística voltada ao ambiente rural e a gastronomia. É importante lembrar que o turismo gastronômico vem a favorecer o desenvolvimento justificando roteiros turísticos pois conecta-se diretamente ao turismo cultural e seu patrimônio, como explica Jarocki (2009).

Para a autora quem almeja conhecer culturas distintas, visa também conhecer seus sabores, assim, a conformação do “Circuito Delícias de Pernambuco” intuiu expandir a visibilidade de sua culinária diversa, estimulando o desenvolvimento dos negócios da alimentação. Mesmo não possuindo em seu modelo o estabelecimento de todos os componentes para uma prática turística (hospedagem, transporte, atrações conjugadas à “arte de comer”, etc.), intencionava consolidar Pernambuco como o terceiro polo gastronômico do país. Como quer que seja, a autora adverte que “o



*circuito ainda não é um fator motivador para o deslocamento de pessoas em busca das novidades gastronômicas, mas é potencial componente de produtos turísticos e instrumento de resgate do patrimônio gastronômico local” (p. 321).*

Portanto como se pode observar há iniciativas interessantes ao turismo, mas as articulações e os desdobramentos, pelo menos no exemplo aqui exposto, não somaram reflexos significativos e sobretudo constantes no território. Inclui-se nesta observação Garanhuns, Gravatá e Caruaru, os quais compuseram o circuito e permanecem estratégicos e influentes em termos culturais e turísticos, mas por outras razões que não se conectam necessariamente à gastronomia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta ampla abordagem sobre as várias concepções de turismo e as aptidões naturais, adquiridas e condicionadas pelo Agreste Central faz-se mister o debate a respeito da valorização das diferentes paisagens e patrimônios materiais e imateriais, naturais e culturais de uma região que apresenta amplas potencialidades para o turismo. Primeiramente, deve-se atentar para o fato de que, além dos recursos naturais, a preservação deve recair sobre as práticas de sobrevivência do lugar, pois estas dialogam diretamente com qualquer vertente turística.

Ademais, considerando a nova tendência responsável por inspirar mudanças de comportamento voltadas à reaproximação com a natureza, o turismo em áreas interioranas mostra-se adequado e o investimento nele uma atitude vantajosa em vários âmbitos. No entanto, isto requer um olhar e uma atuação cuidadosa, pois, não se pode transcender etapas sem firmar uma base sólida, sem conhecer e reconhecer o ambiente, quem atua sobre ele, a história que ele guarda e o que caberá em seu futuro, sem desconsiderar que o desenvolvimento é um processo e requer articulação em escalas micro e macro.

Desta forma, conclui-se que a organização e investimento em trajetos alternativos ao turismo convencional e de massa pode jogar na economia de uma região valores bem mais expressivos, tornando-o algo além de mero coadjuvante num território mais amplo. É nítido o poder concedido pela vontade de experienciar o



ambiente em todas as suas benesses, fazendo do turismo mais que uma prática contemplativa, um instrumento de descobertas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cláudia Regina Santana de. **Turismo no Espaço Rural da Microrregião de Garanhuns-PE: potencialidades e vulnerabilidades**. 2002.137f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2003. 28p.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Rural: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 29p.

JAROCKI, Isabella Maria Coelho. **Circuito Delícias de Pernambuco: a gastronomia como potencial produto turístico**. Turismo em Análise, São Paulo. Nº 2, Vol. 20, p. 321-344. Agosto de 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rta/article/view/14188>. Acesso em: 24/05/2017.

MACIEL, Suely Jucá. **Regionalização como Estratégia de Desenvolvimento: Política de Desenvolvimento Local de Pernambuco**. 2006. 180f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2006.

MARTINS, Cátia Isabel Marques. **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável: o papel da arquitetura vernacular**. 2012. 183f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012.

PAQUEREAU, Benoit; MACHADO, Giseuda; CARVALHO, Sonia. **O queijo de coalho em Pernambuco: histórias e memórias**. Garanhuns- PE: Ed. dos Autores, 2016. 146p.

PÉREZ, X. P. **Turismo Cultural. Uma visão antropológica**. 2. ed. El Sauzal: Colección Pasos. 2009. 324p.

SANTOS, Edjane Maria dos. **Diagnóstico da geodiversidade e potencial geoturístico do município de Bonito, Agreste de Pernambuco**. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Centro de Tecnologia e Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, George; MELO, Sayonara Figueirôa Bezerra de. Sítios Arqueológicos de Pernambuco: uma abordagem cultural. In: **Anais Eletrônicos do V Colóquio de**

VIII Seminário Internacional sobre

## Desenvolvimento regional

Territórios, redes e  
Desenvolvimento Regional:  
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação  
**Desenvolvimento  
Regional**  
mestrado e doutorado



**História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”.** Luiz C.L. (org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. p. 1305-1318. ISSN: 2176-9060. Disponível em <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1305-1318.pdf>. Acesso em: 29/05/2017.

SILVA, IZABELA CRISTINA GOMES DA. **Estratégias Camponesas e as Práticas Agroecológicas nos Territórios dos Brejos de Altitude, Gravatá-PE.** 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.